

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins

Maria Zilah Sales de Albuquerque

Carlos Alberto dos Santos Bezerra

André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS

Simone Bezerril Guedes Cardozo

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Recife – Pernambuco

RESUMO: O impresso jornalístico, cujo percurso e dinamismo estão intrinsecamente relacionados à história do Brasil, desde que surgiu na América portuguesa, em 1808, é um campo de grande potencialidade, pelas inúmeras possibilidades de abordagens que permite, aos historiadores, investigar sobre um determinado espaço sociotemporal, contribuindo, assim, para o enriquecimento dos estudos empreendidos pelos profissionais do *métier*. Trata-se não apenas de um tipo de fonte documental, mas, sobretudo, de um objeto de pesquisa que projeta sentidos em toda sua extensão, pois atua diretamente na construção dos acontecimentos sociais, registrando-os e atuando em seus processos de configuração. Desse modo, ao ser privilegiado como um objeto de análise histórica permite o alargamento de uma série de problemáticas de cunho sociocultural e político. Nesta direção, este artigo tem como objetivo demonstrar que é uma condição *sine qua non* saber trabalhar com esse tipo de documento para não cair em armadilhas perigosas, como a de focar apenas

em seu conteúdo e negligenciar as redes de sociabilidade estabelecidas no meio onde se encontra inserido, bem como os sentidos que também carrega o suporte estrutural que o representa.

PALAVRAS-CHAVE: História. Brasil. Imprensa. Metodologia.

VESTIGES OF THE PAST IN THE PAGES OF THE NEWSPAPERS

ABSTRACT: The journalistic form, whose course and dynamism are intrinsically related to the history of Brazil, since its emergence in Portuguese America in 1808, is a field of great potentiality, due to the innumerable possibilities of themes that allow the historians to investigate a particular socio-temporal space, thus contributing to the enrichment of the studies undertaken by the *métier* professionals. It is not only a type of documentary source, but above all an object of search that projects meanings in all its extension, since it acts directly in the construction of social events, recording them and acting in their configuration processes. In this way, being privileged as an object of historical analysis allows the extension of a series of socio-cultural and political issues. In this direction, this article aims to demonstrate that it is a *sine qua non* condition to work with this type of document so as not to fall into dangerous traps, such as

only focusing on its content and neglecting the social networks established in the environment where it is inserted, as well as the senses that also carries the structural support that represents it.

KEYWORDS: History. Brazil. Press. Methodology.

1 | INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da imprensa no Brasil, ocorrido em 1808, com o advento da chegada da Corte portuguesa, que trouxe consigo um aparato tecnológico de impressão, os periódicos preservam estreitas relações com as configurações históricas vivenciadas pelo país. Os pesquisadores Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros vão ao encontro dessa assertiva ao relatarem que o nascer “da imprensa no Brasil acompanha e vincula-se a transformações nos espaços públicos, à modernização política e cultural de instituições, ao processo de independência e de construção do Estado nacional” (MOREL; BARROS, 2003, p. 7).

A ideia de que a imprensa que nasce e cresce com a nação brasileira é a tese defendida pelas historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, no livro *História da imprensa no Brasil* (2008). Para as autoras, trata-se de duas dimensões que amadureceram juntas ao longo do tempo, uma explicando a outra, por isso “a imprensa é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da história brasileira, [...] um veículo para a reconstrução do passado” (MARTINS, LUCA, 2008, p. 8).

Ao retratar o meio sociocultural e político no qual está inserido, o periódico jornalístico se constitui não apenas em uma importante fonte de pesquisa para o historiador, mas, sobretudo, como um relevante objeto de estudo para o campo da historiografia, pois sua inserção na sociedade não se dá só pela representação dos acontecimentos que nela se verificam, mas, principalmente, pela dinâmica que imprime na configuração desses próprios fatos.

O entendimento dos jornais como fontes e objetos potenciais e imprescindíveis para o estudo de diversas temáticas só começaria a vigorar a partir da década de 1970, como assevera Tania Regina de Luca (2005), e dependeu das transformações do conhecimento histórico, de sua aproximação com outras áreas, e das mudanças ocorridas no universo social. Até então, os jornais eram considerados fontes duvidosas, concepção herdada da corrente historiográfica metódica, que classificava os impressos jornalísticos como ideológicos, subjetivos e parciais, sendo por tais características indignos de entrarem no rol das fontes históricas, que, em sua maioria, era constituída por documentos oficiais.

Nessa dinâmica, segue-se a trilha de Pierre Nora (1995), que observou, na década de 1970, um novo movimento ao apontar que a existência do acontecimento está diretamente ligada aos meios de comunicação. Diante dessa assertiva, é preciso não esquecer, porém, o que alertou o historiador François Dosse, ao referir que o acontecimento é uma construção midiática e “depende da hierarquização de

importância que decidirá levá-lo ou não à praça pública” (DOSSE, 2013, p. 337).

Muitos trabalhos importantes já foram realizados no Brasil a partir do mergulho de historiadores no universo dos diversificados periódicos, em diferentes épocas e lugares. Contudo, ainda há muito para ser feito visando alocar a imprensa para o lugar de destaque que ela tem na história política nacional. Nessa direção, este artigo tem como objetivo principal, a partir de um estudo de caso, abordar aspectos metodológicos que devem ser levados em consideração ao se analisar um periódico jornalístico, pois trata-se de um objeto que se apresenta como um produtor de significado, que detém um poder simbólico pelo fato de ser capaz tanto de agendar temas que se inserem no debate social como de construir representações da e para a própria sociedade. Desse modo, será analisado o jornal paraibano *A imprensa*, um dos cinco periódicos que analiso em minha pesquisa de doutorado sobre a atuação política da imprensa no início do regime republicano no Brasil.

2 | JORNAL *A IMPRENSA*: UM ESTUDO DE CASO

Tem-se aqui um jornal, produzido pela Igreja Católica, denominado *A imprensa*, que se definia em seu subtítulo “Orgam Hebdomadário, noticioso e religioso”, cujo acervo está localizado no Arquivo da Cúria (toda a coleção compreende 5.815 exemplares, encadernados em 88 volumes), que fica no Mosteiro de São Francisco, em João Pessoa-PB. Os exemplares referentes à fase inicial não estão disponíveis ao público devido ao péssimo estado de conservação no qual se encontram, contudo é possível ter acesso a alguns deles em formato digital por meio do projeto “Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19”, cujo site (<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/>) reúne, desde 2007, um importante acervo de impressos jornalísticos.

Fundado em 1897, pelo então arcebispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, *A Imprensa* é compreendido como um impresso que, segundo os apontamentos de Fátima de Araújo (1986), gozou de prestígio perante a opinião pública. Por outro lado, teve suas atividades interrompidas diversas vezes, talvez por razões financeiras, problemática que atingia a maioria dos periódicos do século XIX, ou, como aponta a mesma pesquisadora, pelas pressões políticas que sofria.

Assim, *A imprensa* circulou de 1897 a 1968, com interrupções mais acentuadas em alguns momentos, culminando na concentração de suas atividades em três fases: 1897-1903; 1912-1943; 1946-1968. Para o presente artigo, será levada em consideração a primeira fase de circulação do referido jornal, periodicidade que se encaixa na delimitação temporal estabelecida para a pesquisa de tese em andamento. Dessa maneira, serão elencadas algumas características gerais desse periódico naquele momento, visando compreender como estava estruturado e organizado.

Com formato 47 x 33 (largura x altura), *A Imprensa* era distribuído semanalmente pelo estado, sempre aos domingos, e se apresentava aos seus leitores por meio de quatro folhas escritas, sendo cada uma delas dividida em cinco colunas, sem presença

de ilustrações.

Dando prosseguimento à análise da estruturação do jornal em foco, observa-se que dispunha de algumas sessões, embora não fossem veiculadas de forma sistemática, ou seja, respeitando uma organização fixa de distribuição do material produzido, uma vez que uma das principais características dos impressos jornalísticos do XIX era a ausência de disciplina quanto à fixação de colunas e apresentação de seus conteúdos. Entretanto, sempre no rodapé, havia em *A imprensa* um espaço destinado à publicação de folhetins, um tipo de gênero, que vinha sem assinatura do autor ou com pseudônimos, bastante comum no século XIX. Outras duas sessões que compunham a diagramação do referido jornal eram a Tabela de Preços, onde se verificava o valor dos alimentos mais consumidos na época, e os Anúncios, propagando produtos diversos disponíveis no mercado.

O jornal *A Imprensa* possuía sua própria oficina, que se constituía também em uma tipografia com a mesma denominação, onde além de se imprimir o citado periódico religioso, prestavam-se vários serviços de impressão para a sociedade. As atividades comerciais da gráfica eram divulgadas na sessão de anúncios do jornal oficial da Igreja Católica, como pode ser observado em uma edição de janeiro de 1902:

“Avisa-se que nesta typographia preparam-se cartões de visita, annuncios, cartas de qualquer, recibos, e todos trabalhos concernentes à arte typographica. Garante-se perfeição em material e nitidez desde que recebemos novos e precioso sortimento – Modalidade em preços” (*A Imprensa*, 12 de janeiro de 1902).

Como consta nas edições do próprio jornal, a instalação de sua redação e oficina estava localizada no prédio 131, situado à Rua Direita, atual Duques de Caxias, onde permaneceu até 18 de agosto de 1901. A partir de então, segundo pesquisa realizada por Ricardo Grisi Velôso (2003), notário do Arquivo Eclesiástico da Paraíba, a oficina gráfica foi transferida para o Monteiro de São Bento, que ficava situado na Rua Nova, hoje General Osório, tendo aí funcionado até novembro de 1903, quando as atividades de *A Imprensa* foram encerradas por suposta falta de verbas. Entretanto, durante esse período de fechamento, por volta de 1906, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques publicou o Boletim Eclesiástico da Diocese, voltado para a divulgação dos atos diocesanos, de circulação mensal.

A Imprensa só voltaria a circular a partir de 1912. Nessa nova fase, a direção e a oficina do periódico funcionavam no Palácio do Carmo, sendo, em seguida, transferidas para a antiga sede da confederação católica, que à época estava situada na Praça do Carmo, atual Praça Dom Adauto. Novamente fechado em 1942, o referido jornal e sua oficina só voltariam a funcionar em 1946, encerrando definitivamente suas atividades na década de 1960.

Por sua dimensão material, já é possível perceber que se tratava de um periódico que mantinha uma relação estreita com a sociedade. A produção dos conteúdos que eram veiculados em suas páginas se pautava por uma necessidade econômica,

por meio da sessão de anúncios, e, talvez, pela preocupação em ampliar o público leitor ao trazer, em suas páginas, tópicos que interessariam a um grande número de pessoas independentemente se fossem ou não católicos, como tabelas de preço de alimentos e tiras de folhetim – certamente agradava a muita gente acompanhar o desenrolar de romances. Por outro lado, ter uma gráfica própria, que prestava serviços extrainstitucionais, com a confecção de cartões de visita, por exemplo, além de ter impresso até mesmo um periódico não religioso (*O Combate*, em 1902), demonstra como *A Imprensa* era um jornal bastante estruturado e dinâmico.

Ao longo dos anos e das diferentes fases, o periódico religioso foi modificando a aparência de sua marca, sintetizando o cabeçalho de apresentação e alterando suas dimensões, embora com diferenças mínimas. Também, por um tempo, teria deixado de ser semanalmente publicado e passado a ser diário, tendo ainda uma fase bimestral. Durante todo o tempo que circulou, em suas diferentes fases, o tamanho do jornal sofreu uma variação cuja média ficou entre 52 x 37. Foram verificadas, no acervo, edições bimestrais a partir de exemplar de 1921.

Na primeira fase de duração do jornal católico, havia a possibilidade de assinaturas semestrais e anuais. Como pode ser vislumbrado na parte superior da primeira página de cada edição, cobrava-se 12 mil reis a quem desejasse fazer assinatura do jornal por período de um ano, sendo a metade do valor para assinaturas por semestre. Ainda havia a possibilidade de assinatura para quem residisse fora da Capital (com acréscimo de dois mil reis para a primeira categoria e de mil reis para a segunda), o que comprova a circulação de *A Imprensa* pelo estado. Entretanto, percebe-se que a publicação da diferença de valores para assinantes tanto da Capital (na época, a Capital da Parahyba tinha o mesmo nome da província. Atualmente, denomina-se João Pessoa) quanto de outras localidades não é mais veiculada a partir de edições de 1902.

Quanto aos colaboradores, de acordo com informações citadas na tese de doutorado de Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (1994), se constituíam de padres, médicos e homens letrados da sociedade paraibana. De acordo com a historiadora, alguns dos nomes que figuravam como colaboradores de *A Imprensa* eram, dentre outros: Dr. Antônio Alfredo da Gama e Melo, Dr. Gonçalo de Aguiar Boto de Meneses, Dr. Cícero Moura e Dr. Isidro Gomes. Infelizmente, não foi possível saber a tiragem dos exemplares nessa primeira fase, condição que contribuiria para se ter uma melhor noção sobre a dimensão do público atingido pelo citado impresso. Vale destacar, ainda, que da inauguração até 1903, a direção do jornal ficou a cargo dos padres José Tomás Gomes da Silva e Manuel Antônio de Paiva.

Seguindo os apontamentos da referida autora, os vigários também contavam com espaço para a divulgação de seus trabalhos paroquiais nas folhas de *A Imprensa*, mas, em contrapartida, eram obrigados a assinar o periódico e promover sua divulgação nas paróquias que estavam sob suas reponsabilidades. A historiadora ainda ressalta a existência de uma estratégia de vendas. Segundo ela, “os agentes encarregados

de vender” os exemplares poderia ser o vigário ou alguém designado por ele. “Esse esquema deu certo, levando até ao aumento das tiragens, mas, em seguida, as assinaturas foram deixando de ser renovadas, inviabilizando a manutenção do jornal” (FERREIRA, 1994, p. 166).

Embora corresponda a um jornal religioso, *A Imprensa* não se restringia a abordar temáticas religiosas ou de ordem eclesiástica, mas uma série de questões, como, por exemplo, o próprio papel da imprensa. Trata-se de um jornal aberto às demandas do seu tempo, em constante diálogo com o meio social no qual se encontrava inserido, se autoafirmando, inclusive, em diversos escritos publicados, como um periódico a serviço da sociedade.

Neste estudo sobre história política, sigo a trilha de Pierre Rosavallon (2010), que compreende o político como um campo ampliado da política, ou seja, que não fica aquém das questões partidárias ou exclusivamente na esfera do poder dominante, mas implica em um modo de também perceber o universo sociocultural, pois, segundo o autor, o político é “operado pela mobilização dos mecanismos simbólicos de representação” (ROSANVALLON, 2010, p. 30), e por que não dizer de intermediação, como a atuação da imprensa na sociedade, por exemplo.

Outra das características principais dos periódicos do século XIX, além da efemeridade, era o seu caráter doutrinário e opinativo, constituindo-se, assim, em espaços de formação da opinião pública. Tais requisitos atravessaram todo o século XIX, persistindo até as décadas iniciais do século XX. De acordo com Ferreira (1944), “o pessimismo da Igreja diante do futuro do Brasil republicano laicizado era patente em diversos pronunciamentos da hierarquia, que eram sistematicamente divulgados pela imprensa católica” (FERREIRA, 1994, p. 47).

É preciso destacar que o jornal *A Imprensa* está envolto de mudanças significativas da história nacional. A Igreja Católica estava perdendo terreno na esfera do poder: não era mais a religião oficial do Estado, perdia espaço na vida política e ainda enfrentava uma vertente anticlerical do liberalismo. Não é de se espantar que sua posição fosse combativa em relação ao republicanismo. Assim, como argumenta Ferreira (1994), a “República sem Deus constituiu-se um dos temas mais discutidos no periodismo católico” (FERREIRA, 1994, p. 51). Era constantemente reiterado o discurso da “necessidade de cristianizar a República”.

Críticas à gestão governamental vigente, em nível federal, eram comuns nas páginas de *A Imprensa*. Em editorial do dia 21 de novembro de 1987, por exemplo, é veiculada uma crítica aos poderes constituídos pelo fato do país ainda comportar um grande número de analfabetos, com enfoque para o desprezo por parte das autoridades:

O povo chora e geme sob penúria e misérias [...] Quem se daria ao trabalho de enumerar os males tantos que está sujeito o pobre povo? [...] Se olha para o corpo, é uma miséria. Se olha para o espírito, é um horror. Quanto ao corpo, está sob as vistas das maiores míopes. Quanto ao espírito, basta de dizer, que talvez mais de

Em dia 28 de novembro 1897, outro edital traz em destaque a retomada da problemática do analfabetismo e de sua implicação no mundo político: “O analfabeto é o infeliz que sofre todas as privações sociais [...] Quem não sabe nem ler nem escrever não tem a capacidade precisa de intervir com o seu voto na direção dos negócios públicos” (A Imprensa, 28 de novembro de 1897).

Pelo recorte transcrito, e pelo teor de todo o editorial, é perceptível como a noção de cidadania para o referido impresso perpassa os direitos políticos, mas também o entendimento de uma política pública de educação, ao defender a instrução obrigatória como requisito básico do cidadão, como revela este outro trecho do citado editorial: “Em ultima analyse, derrama-se a instrução sobre a cabeça do povo, como diz Chateaubriand, de-se esse baptismo” (A Imprensa, 28 de novembro de 1897).

Como se trata de uma pesquisa em fase inicial, a preocupação está centrada, neste momento, apenas em aprender a melhor analisar um documento impresso de natureza jornalística, ou seja, entender as relações sociais estabelecidas pelo jornal enquanto suporte. Por tal razão, e seguindo os apontamentos de diversos pesquisadores que desenvolvem abordagens históricas tendo como base documental os jornais, conferiu-se, nesta fase, sobretudo, um espaço especial para à materialidade do impresso em questão, para melhor compreendê-lo, como um todo, com o intuito de fugir das armadilhas do recorte de textos ou de enunciados direcionados previamente por um objetivo apontado pela pesquisa.

3 | CONSIDERAÇÕES

No livro *Lugares para a história* (2011), a historiadora Arlete Farge enfatiza que é preciso deixar o documento falar e, para isso, é imprescindível, segundo ela, saber ouvi-lo. Nesta direção, e na trilha já apontada por Tânia Regina de Luca (2005), acredito que o primeiro passo é este: conhecer a história do jornal em foco, entender como se dava o processo de produção e apresentação de seu material jornalístico, as funções autoatribuídas e sua constante articulação com o meio social no qual estava inserido.

Portanto, sabe-se que para se produzir uma “boa história” é fundamental que a narrativa se mostre muito bem entrelaçada, sendo capaz de comprovar por meio da própria “performance da linguagem” os fatos que está narrando. Entretanto, uma narrativa promissora, no sentido de ser muito bem contada, depende, primordialmente, da capacidade da leitura dos documentos selecionados. Dessa maneira, é uma condição *sine qua non* à práxis do historiador saber investigar adequadamente os documentos que seleciona para a trama histórica que pretende contar. Por tal razão, como alerta De Luca (2005) é preciso estar atento aos aspectos que norteiam a materialidade dos impressos, o tipo do suporte, a estruturação e hierarquização das matérias, bem como

a seleção dos temas e a construção dos enunciados, que nada têm de natural.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fátima. *Paraíba, imprensa e vida*. 2 ed. João Pessoa: Grafset, 1986.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Unesp, 2013.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. *Igreja e romanização: ampliação da Diocese da Paraíba – 1894/1890*. 1994. Trabalho de conclusão de curso (tese) – Curso de História, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1994.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, 149-175.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In. LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 179-193.

VELÔSO, Ricardo Grisi. Jornal A Imprensa. In: *Informativo da Arquidiocese da Paraíba*. Ano VIII, abril de 2003.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6

